
Jornal da Escola: uma experiência de Educomunicação em anos iniciais de uma escola de ensino fundamental na zona rural de Vera Cruz/RS¹

Claudine Suellen ZINGLER²
Prof^a Dr^a Sílvia Porto Meirelles LEITE³
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

Este trabalho apresenta o projeto Jornal da Escola e propõe uma reflexão sobre a inter-relação de comunicação e educação no decorrer do trabalho. As atividades foram desenvolvidas em duas turmas multisseriadas de 1º e 2º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, em Vila Ferraz, zona rural de Vera Cruz (RS). Para elaborar a proposta do projeto e subsidiar as intervenções e a reflexão sobre o processo, buscou-se embasamento em Paulo Freire, Ismar Soares e Mário Kaplún. O projeto teve como objetivo geral a confecção de um jornal da turma, tendo sido previamente analisado o jornal local em conjunto com as participantes e feitas discussões acerca da prática jornalística. O trabalho prático teve como metodologia a pesquisa-participante, mantendo uma relação próxima com a comunidade envolvida no projeto. Após pesquisa bibliográfica sobre Educomunicação e assuntos afins, foi desenvolvida a partir do diálogo entre teoria e prática uma reflexão teórico-metodológica acerca da experiência. Por fim, foi possível concluir que a Educomunicação a partir da apropriação da prática de jornalismo por parte das envolvidas, é uma forma de instrumentalizar pessoas para que elas exerçam sua cidadania.

Palavras-chave: educomunicação; anos iniciais do Ensino Fundamental; educação; comunicação; jornal.

Introdução

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o projeto experimental Jornal Escola, que foi desenvolvido com duas turmas multisseriadas de 1º e 2º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, em Vila Ferraz, zona rural de Vera Cruz (RS). O Jornal da Escola teve como objetivos 1) analisar junto com as turmas o jornal local, buscando identificar pautas e a organização do conteúdo no veículo; 2) discutir as características da prática jornalística e, por fim, 3)

¹ Trabalho apresentado na IJ8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Recém graduada no curso de Bacharelado em Jornalismo pela UFPel. e-mail: claudinezingler@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora do curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel. e-mail: silviameirelles@gmail.com

instrumentalizar as participantes por meio de oficinas e da confecção de um jornal para que as interessadas possam desenvolver trabalhos futuros com base na prática de jornalismo.

Este artigo pretende relatar o projeto e refletir sobre a inter-relação de comunicação e educação no caso do Jornal da Escola. Para isso, temos como base a leitura de estudiosos como Paulo Freire, que apesar de não ter se debruçado especificamente sobre a prática jornalística, estabelece importantes afirmações acerca da importância da comunicação em práticas pedagógicas. Além dele, Mário Kaplún (1998) nos auxilia com a criação do conceito de educador, Ismar Soares (1999; 2000; 2002) nos traz ricas contribuições para sistematização do campo de estudos da Educomunicação, que mesmo sendo relativamente recente, é bastante importante na América Latina.

Referencial teórico

A inauguração da Educomunicação como um campo de estudos se deu a partir do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes na Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP), que entre os anos de 1997 e 1999 desenvolveu uma pesquisa sobre o perfil do educador (termo este cunhado por Mário Kaplún no livro *Una pedagogía de la comunicación*), que à época se tratava de um novo profissional que lida com a inter-relação entre Comunicação e Educação. Segundo o relatório da pesquisa supracitada, esse profissional demonstra “uma preocupação com a democratização do acesso à informação, utilizando-se a atuação profissional como meio para a formação de valores solidários e democráticos, para a transformação do ambiente em que vivem.” (p. 2).

É por meio do periódico Comunicação & Educação⁴ que o NCE tem divulgado por mais de 20 anos importantes estudos sobre Educomunicação, desde o surgimento do conceito no país. Em artigos publicados nesta e em outras revistas pode-se notar a importância do diálogo interdisciplinar como forma de desenvolver a Educomunicação e fortalecê-la como esta inter-relação de dois campos (comunicação e educação).

A Educomunicação pode ser dividida em quatro aspectos assim elencados por Soares (2002): 1) educação para a comunicação; 2) mediação tecnológica na educação; 3) gestão da comunicação no espaço educativo, e 4) reflexão epistemológica sobre a

⁴ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc>

inter-relação comunicação/educação. Soares (2002) entende que essa divisão é apenas um esforço de resumir um pouco o assunto, dado o fato de que essas quatro áreas não são únicas e nem excludentes. O primeiro destes aspectos, ou “áreas de intervenção social”, como chama o pesquisador, trata de reflexões e formações sobre o campo educacional e da relação entre os indivíduos envolvidos no processo. A área de mediação tecnológica na educação trata do uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) na educação. O aspecto de gestão da comunicação no espaço educativo foca na organização e na criação de “ecossistemas comunicativos” (termo adaptado por Ismar Soares com base na concepção de Jesus Martín-Barbero). O conceito trata da organização de um ambiente, da oferta de recursos, dos modos de fazer e das ações comunicacionais. Isso pode ser institucionalizado formalmente (como no caso da educação à distância) ou não (no caso de famílias, por exemplo). Por fim, a reflexão epistemológica sobre a relação entre educação e comunicação como uma das áreas de intervenção social. Trata-se de, mais do que colocar em prática ações de educomunicação, pensar sobre o que é feito e discutir sobre o conceito do campo e sobre as práticas feitas com base nele.

Maria Aparecida Baccega diz que para que estudemos a Educomunicação, necessitamos estabelecer um diálogo com saberes variados. Instigar os questionamentos e fazer com que os participantes se sintam curiosos e tenham vontade de aprofundar o que está sendo trabalhado estabelecendo diálogos entre áreas diversas do conhecimento faz com que a prática da Educomunicação possa a vir ter resultados duradouros. Somando a esta ideia, Ademilde Sartori afirma que o educador deve “considerar o entorno do aluno e seus pares – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos” (SARTORI, 2010). Portanto, o ato de ouvir precede qualquer atividade a ser desenvolvida.

Percurso Metodológico

Primeiramente, foi executada uma busca de leituras sobre a prática da extensão, uma das partes do tão citado tripé educacional. Ao considerar a abordagem teórica deste trabalho e buscando refletir sobre o processo de intervenção no contexto escolar, o livro *Extensão ou Comunicação?*, de Paulo Freire, foi de grande valia. O embasamento em Freire possibilitou analisar com mais profundidade a atuação tão próxima à professora e às estudantes criadoras do *Jornal da Escola*.

Segundo Freire (1983), numa prática de educação libertadora, não há apenas educadores e educandos, mas, sim, educadores-educandos e educandos-educadores, pois ambos trocam conhecimentos nessa relação, quando estabelecida. Assim, não há possibilidade de um “quefazer” educacional (para falarmos especificamente sobre o assunto do presente trabalho) sem um conhecimento prévio das crianças, neste caso, que estarão envolvidas no projeto. Portanto, inicialmente, eu fiz uma visita à Escola Sagrado Coração de Jesus e conversei com as estudantes e com as funcionárias, abordando principalmente o contexto em que a comunidade escolar vive.

Mesmo que nunca tenha escrito nada especificamente sobre Jornalismo, os estudos e práticas educacionais de Freire podem servir como exemplo na Educomunicação, tanto que o professor é um dos nomes mais citados em trabalhos do campo. Para relacionar Freire aos estudos jornalísticos, faço uso dos escritos de Meditsch e Faraco (2003), que afirmam ser possível utilizar as teorias do estudioso no campo comunicacional. Eles pontuam que Freire destaca a importância de processos de comunicação principalmente em suas últimas publicações.

Comunicação [é] a co-participação dos Sujeitos no ato de pensar (...) [ela] implica numa reciprocidade que não pode ser rompida (...) comunicação é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados MEDITSCH; FARACO (2003 apud FREIRE, 1971, p. 67-69).

A metodologia aplicada ao projeto foi a pesquisa-participante por ser impossível a realização sem envolvimento da pesquisadora. Ela é caracterizada pela participação ativa do pesquisador e dos pesquisados. A pesquisa não se dá a partir da observação do pesquisado pelo pesquisador, mas pelo relacionamento estabelecido entre ambos. O diálogo é um elemento central nesta metodologia, prezando sempre pela horizontalidade no processo.

Para facilitar a compreensão do percurso metodológico, organiza-se a parte prática em etapas a serem explicitadas a seguir. Além disso, julgamos que este tipo de sistematização torna um projeto deste formato mais facilmente reproduzível. Para manter a maior fidelidade possível aos acontecimentos, a pesquisadora manteve um diário durante os dias de oficinas e de orientações, no qual foram anotados pensamentos, falas das alunas e das professoras e registros de momentos que chamaram a atenção. Nos relatos, faz-se necessário o uso da primeira pessoa do singular.

Etapa I: aproximação

1º Encontro – 15/05:

Primeiro contato com as turmas participantes do projeto do jornal, 2º e 3º anos de ensino fundamental. Fui até a escola conhecer as estudantes e as funcionárias do educandário e permaneci lá até a hora do recreio. Foram feitas atividades que haviam sido preparadas previamente junto com a professora da turma, que dialogavam com o conteúdo que estava sendo abordado (no caso, se tratava dos órgãos do sentido). Levei alguns objetos e coloquei uma venda em uma criança de cada vez, pedindo para que ela tentasse adivinhar qual era o objeto que ela estava segurando ou sentindo o cheiro. Também conversamos sobre qual dos órgãos do sentido era usado para praticar a ação de tentar adivinhar cada um dos objetos. Após, se encaminhando para o fim da minha visita, usamos uma TV de papelão que eu fiz em conjunto com a professora Fátima para que os alunos encenassem entrevistas, como se estivessem ao vivo em um telejornal. O assunto a ser abordado na entrevista deveria ser o tema da aula do dia: os cinco sentidos. As crianças entraram rapidamente na brincadeira e continuaram essa atividade até mesmo na hora do intervalo, quando fui embora, segundo a professora.

Orientação

Retornei à Pelotas para uma orientação antes de começar oficialmente a parte prática do projeto. Decidi em conjunto com minha orientadora escolher uma semana inteira para o desenvolvimento do projeto, para que meus encontros com as pequenas acontecessem seguidamente e para que elas mantivessem seu interesse no jornal sempre constante. Fizemos, eu e a professora Sílvia, o esboço de uma agenda de oficinas, separando atividades para cada dia e tentando deixar um espaço livre caso eu necessitasse retornar à escola. Inicialmente, pensei que quatro dias de oficinas seriam suficientes. É importante ressaltar que as oficinas duraram aproximadamente meio turno cada (mais ou menos das 7h30 às 10h), exceto por um dia que passei a manhã toda com a turma.

Etapa 2: oficinas

2º encontro — 11/06:

Um dia chuvoso e de bastante frio me recebeu na localidade de Vila Ferraz, interior da Vera Cruz. A professora Fátima os recepcionou e me re-apresentou à turma. Primeiramente, elas conversaram sobre o final de semana, o que sempre acontece nas

segundas-feiras, um método utilizado pela professora para que eles exercitem a memória e socializem suas experiências. Após a conversa, tentei sanar todas as dúvidas das alunas sobre o que faríamos.

A pergunta inicial deste primeiro encontro após a aproximação feita no mês de maio foi: “O que tem em um jornal?”. Levei o exemplar do dia do Jornal Arauto para dentro da sala de aula, oferecendo-o para quem quisesse folheá-lo e discutir sobre o conteúdo veiculado e sobre como a publicação é dividida (as editorias). Cortamos um pedaço bastante longo de papel pardo para que todas as estudantes pudessem fazer a atividade em conjunto e oferecemos canetas hidrocor, tesouras e algumas edições variadas do Arauto para recorte. Propus, então, que elas escolhessem o que mais as chamava a atenção no jornal, como fotografias, títulos de reportagens, etc. e que colassem o que foi selecionado em nosso cartaz. A partir daí, fiz outro questionamento: “Se vocês fizessem um jornal, o que teria nele?” e a turma prontamente começou a dar ideias de assuntos. As estudantes também trataram de escrever coisas no papel pardo, como, por exemplo, perguntas relacionadas aos temas abordados nas edições recortadas. Além disso, fizeram desenhos de seus animais de estimação e da horta de suas casas, inspiradas nos assuntos que o periódico abordava em alguns dos textos e editorias.

3º encontro — 12/06:

Na terça-feira, algumas alunas chegaram com partes do jornal já iniciadas, como foi o caso de Francine, que escolheu escrever sobre a Gincana, noticiando a ordem de colocação de todas as equipes. Neste dia começamos oficialmente a produção, assim contei com a ajuda da professora Fátima Zingler e da estagiária de Educação Especial Ana Konrath para direcionar as participantes na produção de suas reportagens.

Antes, pedi para que cada estudante falasse sobre o que estava pensando em escrever, então as ideias começaram a surgir: animais de estimação, receitas, brincadeiras, Copa do Mundo e propagandas foram alguns dos temas citados por elas. Iniciamos a produção e eu e as professoras focamos em ajudá-las na parte ortográfica, com pequenas correções e ajudas pontuais.

A partir daí, algumas crianças já estavam dando ideias de título e capa para o jornal. Uma das alunas, Sueli, que mostrava mais dificuldade ao escrever era também uma das mais animadas na produção dos textos. Ela estava bastante interessada em fazer entrevistas e mesmo precisando de mais auxílio, escreveu bastante.

Passamos a oficina toda desenhando, recortando, colando e escrevendo. Algumas alunas pediram para levar mais folhas para casa, assim poderiam produzir outras coisas. As partes que já estavam prontas foram recolhidas para evitar extravios.

4º encontro — 13/06:

Desta vez, nosso tempo para oficina foi mais reduzido do que nos anteriores porque haveria a entrega dos boletins das crianças, o que se mostrou bastante interessante porque tive a oportunidade de conhecer alguns familiares das estudantes. Neste terceiro dia de oficinas expliquei mais detalhadamente a elas sobre como funciona o fazer notícia, de onde surgem os assuntos a serem abordados e como um jornalista geralmente trabalha. Elas conseguiram entender que as notícias precisam ser “verdadeiras” (palavra delas). “Não se pode inventar coisas que não aconteceram para colocar em uma reportagem”, disseram algumas. Baseadas nessa explicação breve, elas compreenderam que haviam inventado algumas coisas do jornal nos dias anteriores e que isso não poderia ser considerado jornalismo. Sendo assim, deram a ideia de dividir o jornal em duas partes, ou editoriais: a factual (“verdadeira”, segundo elas) e a de criações da turma. Alguns nomes para a sessão das criações começaram a surgir.

Uma das alunas ficou bastante animada durante a oficina e pediu folhas a mais porque gostaria de entrevistar colegas das outras turmas, então eu a dei. No momento da entrega de boletins, me apresentei para os familiares que compareceram e alguns comentaram que as crianças contaram sobre as oficinas em casa e que até mesmo brincaram de entrevistas parentes.

5º encontro — 14/06

Na quinta-feira era dia de folga da professora da turma. Neste dia dividi as estudantes em duplas para que cada uma dessas duplas fizesse uma página da parte factual da nossa publicação. A ideia era formar duplas contendo uma aluna de cada ano, já que as do 1º ano tendem a ter mais dificuldade para escrever frases mais complexas, então elas contariam com a ajuda das colegas do 2º ano. Para fazer essa divisão, recebi ajuda da professora, pois ela é quem conhece melhor a todas as alunas, sabendo de suas capacidades e de suas dificuldades, sendo esse um dos argumentos da importância do trabalho em conjunto entre profissionais da comunicação e da educação em iniciativas como a do nosso jornal.

Ainda precisávamos decidir o nome do jornal e o nome da seção em que seriam publicadas as criações artísticas da turma. Como haviam surgido inúmeras ideias, optamos por uma votação aberta. Primeiro selecionamos três opções de nomes para o jornal e para a seção artística, posteriormente fizemos votação para cada uma delas. O nome vencedor para o jornalzinho foi Jornal da Escola; para a seção das artes foi As Artistas Talentosas.

Para a capa do jornal, elas fizeram um desenho coletivo: cada uma desenhou a si mesma e duas alunas se revezaram na hora de escrever e colorir o título do jornal. Além delas, uma das estudantes do 2º ano pediu para criar a capa da editoria As Artistas Talentosas, e com aval de todas as outras alunas, assim foi feito.

As alunas se apropriaram do papel de repórter e quando conversavam sobre suas criações usavam termos como “entrevista” e falavam entre si frases como: “Mas foi isso que ela/ele disse mesmo? Jornalismo não pode ser feito com histórias inventadas!”. Ali notei que o trabalho estava cumprindo uma tarefa importante e que eu estava conseguindo me fazer entender, o que era uma das maiores preocupações.

6º encontro — 15/06

No último dia de oficinas levei todo o material que havia sido produzido durante a semana. Em casa eu havia organizado os textos na ordem que havia sido decidida — primeiro a seção jornalística, depois as artes da turma.

Este foi o dia mais tranquilo, pois apenas algumas alunas ainda precisavam terminar partes do jornal e receberam auxílio meu e das professoras. Além disso, a professora Fátima introduziu o assunto de gráficos em matemática. Baseadas nisso, fizemos uma pesquisa sobre qual merenda era a preferida das pessoas da escola. Algumas estudantes foram selecionadas para fazer essa enquete, indo até a outra turma para fazer as perguntas. Com o resultado, foi produzido um gráfico e o colocamos no jornal também.

Enquanto as colegas terminavam seus trabalhos, as alunas que já haviam entregado suas reportagens se direcionaram ao Cantinho da Leitura e me pediram para que eu as ouvisse contando histórias. Sentei junto com elas e ficamos conversando sobre as histórias e sobre o Jornal da Escola. Após o término das atividades, recolhi as folhas de todas e mostrei como o jornal ficaria, explicando que ainda precisava fazer cópias e que só conseguiria entregar o produto final em outra oportunidade, por falta de tempo nesta semana.

Etapa 3: retorno para orientação

Voltei novamente à Pelotas e encontrei a professora Sílvia para uma orientação após essa semana intensa de oficinas com as crianças. Conversamos sobre como foi a semana para mim, sobre o que ainda faltava para finalizar a parte prática e sobre os próximos passos. Nesse intervalo de tempo até meu reencontro com as crianças ainda apresentei um relatório sobre o Projeto nos formatos da Semana Integrada de Inovação, Pesquisa, Ensino e Extensão da UFPel para a disciplina de TCC1, ministrada pela professora Sílvia em conjunto com o professor Fábio Cruz na banca avaliadora. Ele me deu um *feedback* bastante interessante acerca da metodologia, que àquele ponto eu ainda tentava dar forma.

Etapa 4: reencontro**7º encontro — 09/07:**

Retornei à Escola Sagrado Coração de Jesus passadas três semanas desde as oficinas, desta vez com os jornais prontos para distribuição. É importante salientar que quando fui fazer as impressões coloridas dos exemplares, o preço ficou muito além do que eu poderia arcar, então acabei fazendo apenas dois exemplares coloridos e o restante (13) em preto e branco. Os em PB eu distribuí às crianças para que elas pudessem ter seu próprio jornal e para que mostrassem em casa, contando sobre o Projeto e as oficinas. Um dos exemplares coloridos eu deixei na biblioteca da escola para quem quisesse ler e caso algum dos alunos quisesse fazer um empréstimo.

Conversamos sobre o que cada uma das participantes fez no jornal, elas relembrou os conteúdos sobre os quais trataram nas oficinas. Além disso, falamos sobre assuntos que elas poderiam abordar em uma próxima edição. Depois da conversa, a professora Fátima pediu para que elas analisassem o Jornal da Escola e respondessem algumas perguntas feitas por ela em seus cadernos (Qual o nome do jornal? Quais os assuntos presentes no jornal? Quais os autores do jornal? etc.), assim os aprendizados daquela semana de oficinas foram trabalhados em sala de aula mesmo após o jornal ter sido concluído.

Análise do processo

Havia algumas hipóteses prévias que foram desconstruídas no decorrer do processo. Pensávamos que as estudantes não se enxergariam no jornal local, porém quando fomos usá-lo na primeira atividade, algumas delas haviam saído na coluna social, o que já invalidou esta primeira hipótese.

Desde o início das atividades, foi criado um vínculo bastante interessante e estabeleceu-se um diálogo entre pessoas parceiras, pois procuramos valorizar todas as contribuições ao projeto. Sempre havia disposição ao diálogo, perguntando se elas haveria interesse em colocar em prática a ideia do jornal, pois a turma deve nutrir o mínimo de interesse sobre a proposta.

Ao chegarem em sala de aula, as alunas se divertem com as colegas e adoram contar as histórias que a professora já as contou antes, principalmente por meio de encenações. Teatro de fantoches e peças teatrais eram seguidamente utilizadas como método de ensino. Pude notar que era algo quase natural para as alunas porque sempre

me convidavam para assistir algum improviso feito por elas. O fato da contação de história estar bastante presente nas atividades da turma demonstra um interesse de todas em relação a atividades do tipo, pois o jornal serviu como uma forma de passar adiante histórias.

Ao final do projeto, algumas estudantes disseram estar planejando seus próprios jornais em casa. Uma delas trouxe um livrinho que havia feito no dia anterior utilizando a técnica que havia sido ensinada para a confecção do Jornal da Escola. Outra ainda fazia planos de como montar seu próprio jornal com as entrevistas que havia feito em casa com seus familiares.

Considerações Finais

Freire (1983) defendia que só há aprendizagem quando há apropriação, transformação e aplicação do aprendido-aprendido. O Jornal da Escola se mostra um projeto em que o processo de aprendizagem propõe transformar o aprendido e consegue cumprir esta proposta. As crianças se apropriaram do que lhes foi mostrado, modificaram o aprendido-aprendido e conseguiram criar seu próprio jornal, com pautas discutidas previamente em conjunto, além de também criar a estrutura da publicação. Não se tratou de somente lermos o jornal local, mas também de criarmos em conjunto o jornal da turma. O meu olhar como futura jornalista também se modificou, foi enriquecido ao notar a possibilidade de autonomia que a criação e desenvolvimento de pautas próprias da comunidade deu às estudantes. Enquanto elas se apropriavam das informações que eu levava, desde o jornal local até a TV de papelão de uma brincadeira, eu me apropriava e criava em parceria com elas um processo de construção coletiva de um jornal.

Antes de escreverem suas reportagens, eu, a professora Fátima e a turma conversamos sobre o jornal da cidade. As alunas se apropriaram do veículo, discutindo suas pautas, criando perguntas para entrevistas hipotéticas e fazendo recortes de imagens que as chamavam a atenção. Elas nunca haviam feito um trabalho utilizando o Jornal Arauto e apropriar-se dos meios de comunicação é um passo importante para a construção da cidadania. Talvez por causa da idade, as crianças da turma ainda não fizessem uma leitura crítica aprofundada, mas compreender o propósito de um jornal, se apropriar dele como um meio de comunicação importante na comunidade, entender sua

organização e os assuntos abordados nele já é um passo bastante importante para que elas tomem para si não só o periódico como também a prática jornalística.

No começo dos trabalhos do Jornal da Escola, muitas das crianças inventaram histórias para serem publicadas. Ao notar o que estava acontecendo, entendi que eu precisaria explicitar melhor este ponto, portanto tive que adequar a minha linguagem e a minha abordagem. Pedi algumas dicas à professora neste momento. A parceria com a professora e a educadora especial da turma foi muito importante, pois elas conhecem os pontos fortes e os pontos que precisam ser reforçados com cada aluna. O educador não tem como objetivo substituir a figura de um professor, muito pelo contrário: diálogo é fundamental, principalmente o multidisciplinar, sendo esta uma das características citadas por Soares (2011), ao explicar o educador ideal. A partir deste momento, noto que as crianças compreenderam a parte mais significativa do jornalismo, a seu próprio modo. “Em um jornal escrevemos coisas de verdade”, elas disseram. Esta foi a forma de dizer que o jornalismo trabalha com fatos. Além disso, elas também compreenderam a divisão do jornal em editorias, escolhendo separar o jornal entre “parte de verdade”, com as reportagens, e “As Artistas Talentosas”, editoria em que publicamos suas criações artísticas, entre elas as histórias inventadas inicialmente, desenhos e colagens.

Além disso, compreendi que a comunidade tem propriedade para abordar temáticas importantes para si, portanto a Educomunicação se mostra necessária para a instrumentalização destas pessoas. Temos a tendência de subestimar crianças e sua capacidade de compreensão de mundo, mas devemos prestar muita atenção no conteúdo que as atravessa.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
Paginação irregular.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
200 p.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación**. Madrid: Ediciones De La Torre, 1998.
252 p.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia**. vol 26, nº1, jan./jun. 2003.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e sua relação com a escola**: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, n. 7, p. 33-48 jul. 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011. 102 p.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 16 – 25. jan./abr. 2002.